



Revista do Instituto de Estudos  
Brasileiros

ISSN: 0020-3874

revistaieb@usp.br

Universidade de São Paulo  
Brasil

Afonso da Silva, Raquel  
Trajetória(s) literária(s) de Odette de Barros Mott (1913-1998): uma narrativa a partir do  
arquivo pessoal da escritora  
Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, núm. 57, dezembro-, 2013, pp. 351-367  
Universidade de São Paulo  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=405641279015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re<sup>o</sup>alyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Trajetória(s) literária(s) de Odette de Barros Mott (1913-1998): uma narrativa a partir do arquivo pessoal da escritora<sup>1</sup>

Raquel Afonso da Silva<sup>2</sup>

Em 1981, a editora Brasiliense comemorou o marco de um milhão de obras publicadas de Odette de Barros Mott na coleção Jovens do Mundo Todo, iniciada em 1960 sob organização de Yolanda Cerquinho Prado. Isa Silveira Leal, em 1962, e Odette de Barros Mott, em 1964, foram as duas primeiras escritoras brasileiras a publicar na coleção que, até então, circulava apenas com traduções. As autoras, aliás, foram pioneiras na própria produção destinada ao público juvenil no Brasil, para o qual o mercado editorial brasileiro apresentava poucas opções.

A aposta nesse novo público parece ter dado certo. O marco de um milhão de exemplares de autoria de Odette foi alcançado menos de dezoito anos após o lançamento do primeiro título – *Aventuras do escoteiro Bila* (1964) –, ocasião comemorada em evento que contou com um novo lançamento da autora, o livro *As empregadas*, cujo convite integra a documentação pessoal da escritora, hoje sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), reunida em um Fundo que leva o nome da escritora.

A ocasião serviu de ensejo para que Odette rememorasse, em longa carta de treze páginas dirigida a Caio Graco (diretor da Brasiliense no período), sua trajetória como escritora de livros juvenis. Antes de publicar *Aventuras do escoteiro Bila* e *A montanha partida* (1965), seus dois primeiros títulos para o público adolescente, Odette já escrevia para crianças; sua primeira obra infantil, *Aventura no país das nuvens*, foi editada em 1949. Seus leitores imediatos eram seus próprios filhos, que cresceram, chegaram à puberdade e começaram a inquietar a mãe/

---

1 Este texto foi apresentado durante a homenagem ao centenário da escritora Odette de Barros Mott, realizada pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) em 24 de maio de 2013.

2 Pós-doutoranda do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Desenvolve a pesquisa intitulada “Cartas a uma escritora: organização arquivística e estudo da ‘Série Correspondência de Odette de Barros Mott’, no IEB-USP, supervisionada pelo Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). E-mail: afonso.raquel@gmail.com

escritora com a ausência de produções nacionais destinadas a esse público. A pedido dos filhos e dos amigos deles, Odette iniciou a produção para jovens escolhendo a Brasiliense como editora, em virtude da excelente coleção que ela já conhecia, pois a adotava para seus filhos.

Com os primeiros livros juvenis, veio o contato com o público leitor. O conhecimento mais íntimo desse público fez com que Odette repensasse sua produção; a juventude mudava, debatia-se com novas questões e se deparava com a incompreensão de pais e educadores:

Compreendi que nosso comodismo protegido por uma visão errada da moral, daquilo que achávamos melhor para os jovens, escamoteando deles situações diferentes, não podia continuar. Ou nós nos salvávamos, ou daríamos apoio aos jovens, procurando ouvi-los, atendê-los. Aceitaríamos as transformações necessárias, participando delas ou perderíamos os jovens. Para sempre.

Foi então que, dona de uma arma poderosa, o livro, usei-a na luta que pretendia começar em mim e através de mim atingir o jovem. O livro iria nos ajudar, ajudar a nós dois.

Não podia continuar, depois que ouvira os adolescentes, a dar-lhes somente histórias de mistérios e aventuras. [...]

Foi então que a seca violenta da década de 1970 começou. Senti o problema do nordestino e resolvi leva-lo ao jovem, através do menino “Justino, o retirante”.

Li, pesquisei e escrevi esse livrinho tão do agrado dos garotos que, surpresos, me perguntam muitas vezes: Há criança que passa fome? — Sim, há, respondo. É triste, é muito triste ter de afirmar isso, mas o Brasil é, de norte a sul, povoado por crianças famintas, sem escolas, de barriguinhas inchadas, descalças, andando por esses caminhos sem fim.<sup>5</sup>

A obra teve edições sequenciais, com grandes tiragens. Ainda no ano de 1981, o livro atinge a 16ª edição, com tiragem de 10 mil exemplares, chegando à 23ª edição em 1984, como apontam os bilhetes de Caio Graco, guardados no acervo pessoal da escritora com diversas outras cartas do editor:

São Paulo, 10 de junho de 1981  
Nº 0758/81

---

3 IEB-USP. Fundo OBM, OBM-CAB-02. [abr. 1981]. As correspondências citadas ao longo do artigo foram transcritas de modo literal, respeitando-se a ortografia original.

Ref.: JUSTINO, O RETIRANTE – 16ª ed. – 10.000 exs.

Querida Odette:

Quando esse terrível problema dos migrantes por miséria for resolvido no Brasil, em boa parte os méritos serão seus. Pelo menos 100.000 brasileiros (alguns já não tão jovens) terão conhecido esta verdade através de seu livro.

Beijo amigo.

Caio Graco Prado

Exma. Sra.

Odette de Barros Mott

R. Mococa, 91 – Sumaré

Nesta

CGP/nc.<sup>4</sup>

\*\*

São Paulo, 20 de julho de 1984

EB – N° 2598/84

Ref.: JUSTINO O RETIRANTE – 25ª ed. 5.000 exemplares

A 8ª SÉRIE C – 16ª ed. – 5.000 exemplares

Querida Odette:

Trinta e nove edições só nesses dois livros. São pelo menos 400.000 leitores. Que tal postular uma cadeira no Senado?

Um beijo

Caio Graco Prado

Exma. Sra.

Odette de Barros Mott

Rua Mococa, 91

Sumaré

01255 – São Paulo – SPCGP/ig<sup>5</sup>

---

4 IEB-USP. Fundo OBM, OBM-CPB-099. 10 jun. 1981.

5 IEB-USP. Fundo OBM. Carta de Caio Graco a Odette de Barros Mott, 20 jul. 1984.

No momento presente, *Justino, o retirante* encontra-se em sua 46ª edição pela editora Atual.

A carta da escritora prossegue, comentando a boa recepção de *Justino* pelo público leitor, o que a encoraja a produzir *A rosa dos ventos*:

Há dias recebi carta de uma garota de dez anos que dizia: “Odette, gostei muito que você fez Justino ficar na sua terra, depois de formado. Aqui em São Paulo tá cheio de médico, lá é que precisa de médico pra cuidar da barriguinha das crianças!”

Lindo! Lindo! Você também pensa assim, eu sei.

Foi tão positivo o resultado atingido por Justino, que me animei e escrevi a “Rosa dos Ventos”.<sup>6</sup>

*A rosa dos ventos* (1972) foi um livro polêmico para o período. Com ele, Odette tratava temáticas que eram tabus na sociedade de então (algumas, tabus ainda hoje): os conflitos de gerações representados na convivência tensa entre pais e filhos, a problemática das drogas, a homossexualidade. Ainda que alguns dos conflitos tivessem soluções aparentemente ingênuas (como a homoafetividade da personagem Tito), a simples discussão dessas temáticas representava uma inovação para literatura juvenil. Na carta, Odette rememora a história da escrita desse livro; preocupada em dar uma abordagem adequada, chegou a discutir o texto com um psicólogo:

Dei inteira liberdade aos meus personagens, nasceram livres de seus medos e, por isso, senti medo por eles.

E para me livrar desse medo, procurei um psicólogo da época, muito ligado à juventude que, ao me ver apresentar-lhe o livro como cliente, gostou muito da ideia.

Ficou de me telefonar daí um mês, mas na outra semana, lembro-me bem, era um 15 de novembro, ele me convidou para discutirmos o livro em sua casa.

Fui, encontrei sua esposa e dois filhos adolescentes, felizes de poderem trocar ideias comigo. O debate varou a tarde. Saí de lá feliz, sem medo, confiante.<sup>7</sup>

A “coragem” da escritora em abordar essas temáticas é reconhecida pelo seu editor e também por Danda Prado (Yolanda Cerquinho Prado), idealizadora da coleção Jovens do Mundo Todo, para quem

---

6 IEB-USP. Fundo OBM, OBM-CAB-02. [abr. 1981].

7 IEB-USP. Fundo OBM, OBM-CAB-02. [abr. 1981].

Odette recorrentemente enviava seus originais, na expectativa de uma apreciação crítica sincera:

São Paulo, 08 de agosto de 1984

EB – N° 2857/84

Ref.: A ROSA DOS VENTOS – 14ª edição

5.000 exemplares

Querida Odette:

Hoje, doze anos depois os temas deste livro nada têm de novidade mas na época foi grande sua coragem de escrevê-lo. E foi bom, e está ajudando.

Beijo

Caio Graco<sup>8</sup>

\*\*

Cara Odette,

achei ótima sua ideia de enviar-me o original “Rosa dos Ventos” pessoalmente por Fúlvia. [...]

Demorei mas li seu livro. Gostei muito dos diálogos, parece-me que progrediram muito desde suas outras obras. Em Justino já gostei mais, agora estão leves, desempenados, a meu ver não de crítica literária.

Do ponto de vista “aspecto educacional”, o tratamento que você dá ao caso do menino efeminado merece parabéns. Que eu saiba nunca foi tema abordado em novelas para adolescentes, e era fundamental que as coisas fossem colocadas como você o fez. [...] Não vou esquecer o caso de Luis. O fato de você terminar o romance com seu episódio, dá mais ênfase. A droga como fraqueza e fuga, está muito bem caracterizada. Os episódios tem realidade, autenticidade, sente-se que você trabalhou bem o vocabulário, e teve trabalho com o enredo... Acho que será boa oportunidade para uma professora inteligente abordar o assunto. Você teve coragem, enfrentando estes temas.

---

8 IEB-USP. Fundo OBM, Carta de Caio Graco a Odette de Barros Mott, 8 ago. 1984.

Aliás, meu único senão ao original, seria talvez um excesso de romantismo na descrição da vida na papelaria. Acredito que haja um modelo desses, perdido no Centro de São Paulo, mas a realidade é bem outra.

Si Pedro fosse um gerente, ainda vá lá. Mas um proprietário fenômeno, bom, inteligente, quase um psicólogo amador, um gerente também de mesmo naipe, como você descreve... acho exagerado. [...] Si fosse você, abaixaria o posto de Pedro, deixando o dono ser um ausente rico financiador. Senti grande contraste entre o início e o final do livro, entre os episódios que comentei antes e essa idílica vida profissional. [...] <sup>9</sup>

A sugestão de Danda Prado foi seguida pela escritora: Pedro torna-se gerente da loja, bastante exigente e controlador, por sinal.

Na profusão das lembranças, a carta se torna testemunho da autora sobre sua própria produção, testemunho talvez romanceado, em razão da estreita vigilância do outro/destinatário, mas, ainda assim, recheado de alusões significativas ao momento singular da gênese literária e a um talvez ainda mais secreto instante de reavaliação da própria obra:

Você se lembra de um seu telefonema para mim, em junho do ano passado, mais ou menos, informando-me que não iria mais reeditar a “Transamazônica”? E você sabe que esse é meu livro preferido.

Gosto dele, do seu herói, tão em contradição com aqueles apresentados pela televisão. Herói sem documentos – Isório do seu Zé torto! Nada mais. Plantador de arroz na lama do São Francisco, sem condição de comer o arroz. Os meninos, muitos vezes, me perguntam: Ele não gosta do arroz? Santa ignorância... e não aceitam o pobre coitado como herói.

Alunos de um colégio da Mooca estiveram aqui em casa, oito vezes, debatendo comigo a questão desse pobre herói tão distanciado dos super-homens, das supermulheres, super... super. [...]

Você não reeditava o livro porque ele transmitia aos leitores visão errada da realidade brasileira.

Quando fui tomar contato com essa realização, ela estava em seu começo. Macacos barulhentos, motosserras, árvores abatidas, tudo isso me dava a impressão de um resultado positivo. Comi

---

9 IEB-USP. Fundo OBM, OBM-CPB-003.6 ago. 1971.

o primeiro milho colhido nas hortas dos lavradores, vi a futura enfermeira da agrovila a postos, de uniforme branco!

Tão desejosa estava de que a situação dos pobres coitados, moradores do interior da mata, oitenta, cem quilômetros adentro, longe de qualquer contato, melhorasse, que me entusiasmei. [...]

Gostei de ver a estrada, as agrovilas e creio que por isso voltei a ter olhos infantis e coração aberto, desprevenido.

Quando você me telefonou – sem se importar que esse fosse o meu livro preferido – e me avisou que iria tirá-lo de circulação, eu já estava com o material preparado para fazer a revisão. Daí toda a realidade para meus leitores, nunca mentir-lhes para conservar uma posição falsa.

Fiz a revisão, o livro renasceu. Tenho ido aos colégios trocar ideias com os estudantes. A pergunta mais frequente é sobre o porquê da troca de título. Explico-lhes a situação, compreendem, e um deles, certa vez me aconselhou a trocá-lo mais uma vez. “A grande tapeação” ficaria melhor!<sup>10</sup>

As impressões dos leitores, tantas vezes mencionados nesta carta de Odette a Caio Graco, também estão resguardadas no arquivo pessoal da escritora, através das inúmeras cartas que ela recebia diariamente:

São José do Rio Preto 29/10/85

Querida Odette:

É com muita comoção que lhe escrevo para parabenizá-la pelo trabalho maravilhoso que realizaste. Me refiro ao livro “Justino, o retirante”. [...]

Gostei demais, tem muito a ver comigo, eu até tenho um pouco de Justino dentro de mim. Confesso que às vezes eu me chocava muito, mas só assim deu pra tomar consciência da tristeza de vida dos nossos irmãos do Nordeste.

Esse é o livro que recomendarei para todo mundo, pois eu tenho certeza que todos, depois de o lerem, alguma coisa farão por estes pobres famintos.

Gostaria de saber qual foi o final de Chico Cego.

---

10 IEB-USP. Fundo OBM, OBM-CAB-02. [abr. 1981].



Já que você não pode vir a Rio Prêto em breve, por favor, me envie uma foto sua, meu maior sonho é conhecê-la. Às vezes, até via você como dona Severina.

Fico imaginando, Justino com tantas dificuldades para estudar, para o saber e aqui todo mundo com a maior facilidade que se pode ter, sendo obrigado pelos pais a irem à escola. Ah! Odette, se pudéssemos trocar.

Eu também quero ser médica (pediatra) acho que me dou bem pra coisa, eu adoro crianças! Mas às vezes me aborreço demais, minha família não é privilegiada de uma renda financeira muito alta, talvez nem dê para eu me formar. Mas eu vou lutar até o fim, jamais desistirei, ainda mais agora, depois de ler este livro, seguirei o exemplo de Justino.

Minha amiga, meus parabéns! Agora, mais do que nunca, você será sempre minha escritora favorita.

S. X. S.<sup>11</sup>

\*\*

Uberlândia

Querida Odette:

Meu nome é F. C. A., como está no envelope, acabei de ler o seu livro “A Rosa dos Ventos”, 14<sup>a</sup> edição. Meus parabéns.

Foi o “único” livro que li e que não deu a entender: “FINAL FELIZ”. Gostei desse livro e, sinceramente me mostrou, novamente, como são os jovens, na realidade.

Eu acho que o maior tratamento para que uma pessoa possa se livrar da droga é a Força de Vontade. Ela sim ajuda o homem a sair da droga.

O que mais me chamou a atenção é que você não usou os personagens de uma classe alta, ou classe média alta. Você preferiu usá-los numa classe mais baixa: (mas para mim a mais honesta) a classe operária.

Já li muitos livros seus e quando ouço falar em Odette de Barros Mott, já vou logo me interessando no assunto.

---

11 IEB-USP. Fundo OBM, OBM-C-0502.

“A 8ª série C”, foi um dos livros seus que já li e, posso te dizer, foi lindo.

Uma turma do ginásio que era unida. Quando eu li, não estava na oitava série, deveria estar na sexta ou na sétima, mas valeu a pena. Eu concordo com você que o diálogo diminui as distâncias que separam os jovens, principalmente dos adultos.

Se nós, os jovens, achamos os adultos quadrados, por que não tentamos arredondá-los?

E vou te fazer um elogio, você tem palavras que sinceramente me emocionam e me emocionei quando li o BATE-PAPO de A ROSA DOS VENTOS.

Vou parando por aqui, porque sei que você não tem tempo para ler só cartas minhas, você deve ter muitas outras para ler.

Felicidades, um abraço amigo!

F. C. A.

P.S. Se não for pedir demais, espero respostas suas.<sup>12</sup>

Apesar da ausência do *happy end* em diversas obras (*A rosa dos ventos*, *A Transa-Amazônica*, *E agora?*, entre outras), os leitores compreendem os propósitos da obra de Odette e aprovam a iniciativa:

Sabe, Odette, seus livros sempre têm uma visão verdadeira da vida, contam como ela é (esqueci de dizer que li “Os dois lados da moeda”; “Justino, o Retirante” e “E Agora?”). Por isso, às vezes não gosto muito dos finais das histórias, que nem sempre são felizes. Dizem que ninguém gosta de ouvir a verdade. E é sempre a verdade, triste, injusta, mas a verdade, que você conta em seus livros.

Às vezes choro de tristeza, às vezes de alegria, porque você relata a vida em seus aspectos bons e maus. Eu gosto de livro de ficção, gosto de sonhar, mas também gosto da dura realidade, de manter os pés no chão. É isso que me faz adorar seus livros, além do seu modo de escrever.<sup>13</sup>

A abertura de Odette para o diálogo suscita em alguns de seus leitores o desejo de conhecê-la pessoalmente. E a autora, de fato, recebe

---

<sup>12</sup> IEB-USP. Fundo OBM, OBM-C-0518. [1985]

<sup>13</sup> IEB-USP. Fundo OBM, OBM-C-0516, 23 dez. 1985.

os leitores em sua casa para bate-papos, como ela relata na carta a Caio Graco, anteriormente citada.

Querida Odette,

Oi, tudo bem com você? Espero que sim.

Bom, vou me apresentar: me chamo L., tenho 13 anos e adoro ler. Não tive ainda oportunidade de ler todos os seus livros, mas daqueles que li, guardei uma boa impressão. Já li – “E agora?”, “Mistério? Misterioso amor”, “a 8ª série C” e acho que só. Destes, gostei mais do “E Agora?”. Sabe porque [sic]? Bom... todos aqui em casa leram e acharam que a garota do livro era cruel c/ a mãe, mas... quando a coisa acontece com a gente é que percebemos a gravidade da coisa. Desculpe tanta “coisa”! Sabe o que é, Odette? Gostaria demais de conhecer você. Você parece uma pessoa tão compreensiva, que ouve, e não só fala. Aqui em casa, há muita falta de diálogo, entre minha mãe e eu. Infelizmente, nós não nos damos muito bem. E você sabe, né? Às vezes a gente precisa bater papo c/ pessoas + vividas, não só com colegas da mesma idade. Não quis dizer que você é velha, tá? Se for possível, me responda essa cartinha, sim? Aí, você pode me ensinar + ou – como se vai na [sic] sua casa... ou eu te telefono. Pode?

Gostaria de conhecer você, para saber se a imagem que eu guardo de você é verdadeira. O dia que você tiver um tempinho, eu posso ir até aí? Tomara. Bom, tchau.

Um beijo,

L.<sup>14</sup>

A disponibilidade para o diálogo aliada à sensibilidade demonstrada nas obras para as problemáticas vivenciadas pelos adolescentes transforma a escritora em uma espécie de confidente/conselheira aos olhos de diversos leitores. As cartas metamorfoseiam-se em desabafos sobre problemas como relacionamentos familiares e afetivos:

Adora ler seus livros quem lhe escreve.

Li seu livro “A rosa dos ventos” e consegui ver através de Maria José: minha imagem.

Seus pais são como os meus: nasceram na Idade Média, onde:

---

14 IEB-USP. Fundo OBM, código: OBM-C-0427, 18 jun. 1985.

– lugar de mulher é dentro de casa! [...]

O fato de meu pai ser da Idade Média me chateia e muito.

Gostaria de falar consigo francamente, pois vejo na senhora mais que uma grande mãe. [...]

Acho que a senhora não acreditaria se lhe dissesse que a única festa de aniversário em que foi [sic] até hoje foi a de meu primo aos 5 anos.

Se digo a meu pai que estou virando uma pata (isso mesmo, pata!), ele diz:

– Você já vai à escola e às reuniões do Bandeirantismo, acho que você já sai de casa até demais! (é, às reuniões do Bandeirantismo que são aos domingos, somente às reuniões pois das atividades não participo.)

Está certo, ele tem sua neurose, não sai de casa nem matando.

Mas se ele quer parar de viver não é justo que nos obrigue a fazer o mesmo, certo?<sup>15</sup>

Os leitores adultos também acompanham a produção de Odette. Muitos, como mediadores ou futuros mediadores de leitura, agradam-se dos temas realistas abordados nas obras:

“Adorei pacas”! o teu “Rosa dos ventos”.

Tivesse eu lido ele na idade recomendada (não o possuía, então) e teria usufruído das boas sugestões que quiseste levar a muitos jovens através de tua própria experiência.

Mas já estou torcendo pra que meu filho (de apenas 4 anos) já-já faça 7 ou 8 anos, pra curtir também as situações e os papos reveladores do teu livro. Sim, porque penso que ele ainda é atualíssimo. (E daqui a 3 ou 4 anos já deverei estar respondendo perguntas do meu filho, mais ou menos dentro do referido contexto). [...]

Sem mais, meu carinho e agradecimento por tua contribuição à educação dos nossos jovens.

Com ênfase a teres focalizado a situação dos jovens pobres e marginalizados – e de forma muito sugestiva, visto o relacionamento amigo e sem preconceitos dos padrões c/ os empregados – com a qual tbém me sensibilizo.

Abraços de

V. V.<sup>16</sup>

15 IEB-USP. Fundo OBM, código: OBM-C-0002, 18 maio 1976.

16 IEB-USP. Fundo OBM, código: OBM-C-0495, 13 out. 1985.

Como professora de técnica de redação, já tive a oportunidade de trabalhar com meus alunos alguns de seus livros, entre eles: O Filho do Bandeirante, A Caminho do Sul, e, agora, O Mistério do Escudo de Ouro.

É grande preocupação minha formar leitores críticos e conscientes, capazes de identificar um texto verdadeiramente literário, assim, em seus livros, encontro sempre temas ricos e de alcance para o trabalho a que me proponho.

Com uma juventude cada vez mais massificada, nosso trabalho se torna ainda mais difícil, são poucos os jovens e adolescentes que ainda se detêm diante de um bom livro.

Sei que é muito importante para o autor este contato com o leitor, por isso estou lhe enviando algumas cartas de meus alunos da 7ª série.<sup>17</sup>

Odette mantinha contato frequente com educadores e leitores, visitando escolas, realizando palestras em bibliotecas, participando de atividades de promoção e incentivo à leitura. Havia por parte da escritora grande preocupação em problematizar a produção de livros para crianças e jovens e se mobilizar em prol da literatura infanto-juvenil nacional. Tomando esta tarefa como integrante de seu ofício, foi uma das fundadoras do Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (Celiju) – ao lado de Giselda Laporta Nicolelis, Lúcia Pimentel Góes, Lenyra Fraccaroli, Idaty Brandão Onaga, Bárbara Vasconcelos de Carvalho, entre outras – no início da década de 1970, do qual foi presidente por alguns anos. O centro, que reunia pesquisadores, escritores, bibliotecários e professores interessados em discutir literatura infanto-juvenil, promovia palestras e seminários, incentivava a participação de seus membros em congressos nacionais e internacionais, era presença ativa nas bienais de livros, além de realizar ações sociais relacionadas à leitura, como a criação de bibliotecas em cidades interioranas.

Algumas das atividades do grupo podem ser visualizadas em documentos presentes no Fundo Odette de Barros Mott, como cartas e certificados de participação em congressos e palestras.

Em carta à escritora Bárbara Vasconcelos de Carvalho, Odette comenta as dificuldades de organização do grupo, bem como alguns dos projetos que estavam desenvolvendo:

---

17 IEB-USP. Fundo OBM, código: OBM-CPE-0328, 27 abr. 1991.

Estimada Bárbara – abraços

Estamos a par de suas atividades, através da Idaty<sup>18</sup>. O grupo vai bem com muito entusiasmo e boa frequência às reuniões.

O que me atrapalha um pouco é ainda a falta de um programa bem orientado. Sou leiga no assunto – tenho procurado me informar com pessoas competentes, mas, realmente, o grupo cresceu muito e esta falha nos prejudica um pouco. As reuniões são tumultuadas, forma-se grupinhos de bons bate-papos.

Se você tiver um programa daquilo que é essencial e importante para se tratar nas reuniões, mande-me, por favor e logo.

Gostaria de ter informações bem detalhadas sobre a necessidade de os escritores não se limitarem somente ao seu gênio criativo, mas compreenderem que o escrever para jovens, traz a responsabilidade da pesquisa, da abertura para informações e críticas, de uma renovação constante. Ou nós acompanhamos toda essa evolução ou então ficamos atrás, escrevendo para a criança que fomos. Nada para o jovem atual.

Ter possibilidades de escrever, e de escrever bem e bonito não basta para o jovem leitor. É preciso mais, é preciso informar para formá-los.

Isso, Bárbara, que você sabe mais do que eu, pois é especialista no assunto, está difícil para o grupo compreender.

Se você tiver algo que possa nos ajudar, mande, por favor.

Bárbara, vocês vão participar do Congresso de Literatura Infantil e Juvenil em Buenos Aires?

Recebemos um convite da Argentina para participarmos do Congresso, que será realizado em setembro, promovido pelo Capli. Envio-lhe um xerox. Quem sabe se alguém daí quer ir, ou você mesma?

Em outubro, durante a semana da criança, tomaremos parte numa exposição de livros infantis e juvenis de escritoras brasileiras, no Anhembi.

Você poderia fazer o favor de, urgentemente, nos mandar nomes e endereços de escritoras baianas radicadas aí? É urgente.

Quando vier a São Paulo, telefone-me e venha jantar comigo.

---

18 Idaty Brandão Onaga, sócia-fundadora do Celiju que, por ocasião da fundação do centro, era uma das diretoras da Biblioteca Monteiro Lobato.

Um abraço  
Odette de Barros Mott

P.S. As reuniões do Celiju (Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil) são sempre na última 4ª feira do mes, na Câmara. Apareça.<sup>19</sup>

O Celiju mantinha correspondência com a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), criada em 1968 e filiada ao International Board on Books for Young People (IBBY). Há no Fundo Odette de Barros Mott diversas cartas trocadas entre Odette e Ruth Villela de Souza – bibliotecária especializada em literatura infantil e juvenil e participante do órgão desde sua fundação<sup>20</sup> –, nas quais há permuta de informações sobre as atividades das duas instituições. Por exemplo, em carta de 25 de março de 1977, Odette reclama sobre as dificuldades financeiras do centro de estudos e noticia a fundação de uma biblioteca em Araçariguama:

A nossa biblioteca Celiju que fundamos na Vila de Araçariguama (não saiu notícia no Boletim<sup>21</sup>) já conta com 400 leitores e a Vila tem 2.000 habitantes e 450 alunos do 1º Grau! Está sendo um sucesso tremendo. Duas vezes por mês vou até lá, apesar de não ser bibliotecária. Mas que fazer, nasci para toda obra! Se tivéssemos verba quanto poderíamos fazer, quanto! Ao menos uma sala nossa, para recebermos estudantes.<sup>22</sup>

Pelo trabalho frente ao Celiju, Odette recebe o prêmio Fernando Chinaglia de Personalidade Cultural de 1980 e agradece à União Brasileira de Escritores (UBE) em carta de 12 de novembro de 1980:

---

19 IEB-USP. Fundo OBM, código: OBM-CACELIJU-01.

20 Cf. MOTT, Odette de Barros. *Um imaginário de livros e leituras: 40 anos da FNLIJ*. Redação da 1ª parte (1968 a 1984) Laura Sandroni e Luiz Raul Machado; redação da 2ª parte (1985 a 2008) Elizabeth D'Angelo Serra; apoio para levantamento das informações da 2ª parte (1985 a 2008) Elda Nogueira e Ninfa Parreiras; coordenação Elizabeth D'Angelo Serra e Gisela Zincone. Rio de Janeiro: FNLIJ, 2008. Disponível em: [http://www.fnlij.org.br/imagens/primeira%20pagina/livro/40\\_anos\\_fnlij.pdf](http://www.fnlij.org.br/imagens/primeira%20pagina/livro/40_anos_fnlij.pdf). Acesso em: 6 out. 2013.

21 A escritora refere-se ao Boletim da FNLIJ, que circulava entre os sócios da fundação.

22 IEB-USP. Fundo OBM, código: OBM-CACELIJU-14.

Fico satisfeita de ver que esse prêmio me foi conferido após os quatro anos em que estive na Presidência do Celiju – Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil, onde me dediquei com o maior empenho pelo livro para a criança e o jovem e pelo hábito da leitura e me sinto gratificada com tal reconhecimento. Não quero porem deixar de compartilhá-lo com minhas colegas de Diretoria e com as companheiras do Celiju que, graças a seu trabalho e incessante estímulo, me possibilitaram esse esforço.<sup>23</sup>

A carta é também veículo importante de comunicação entre Odette e seus pares. Há uma interessante mostra dessa correspondência no arquivo pessoal da autora, em que se presencia a discussão sobre a produção literária para crianças e jovens e trocas de confidências sobre as dificuldades da carreira de escritor no Brasil.

Em cartas trocadas com a escritora infantil Maria Dinorah Luz do Prado (1925 – 2007), por exemplo, é possível notar as discordâncias a respeito da produção para crianças e jovens, cada autora expondo o caminho que lhe parece o mais indicado:

Gostei dos seus livrinhos. São muito líricos, poéticos, mas a linguagem um pouco elevada para a compreensão, penso eu, dos pequenos.

Você é muito poesia, Dinorah, e não sei como consegue conservar essa pureza de visão das coisas, através de sua vida tão dura de lutas. É mesmo preciso ter alma de poeta.

Eu pergunto, – os garotos adolescentes – encontrarão na vida, quantas Marias Dinorahs, tão assim suaves, meigas, apesar de dinâmica, a encarar a vida nesse prisma azul.

Não será melhor mostrar-lhes um certo lado da vida, dessa vida que estão vivendo, e ajudá-los a compreender melhor seu papel, sua participação nela, para que essa participação seja positiva? Ajudá-los a conhecer o outro e amá-lo, através de certa realidade que coloco em meus livros?

Sei lá – são caminhos, não é? Diversos, e que estão aí para serem percorridos, examinados, discutidos. Por isso procuramos o melhor para os jovens.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> IEB-USP. Fundo OBM, código: OBM-CACELIJU-11.

<sup>24</sup> IEB-USP. Fundo OBM, OBM-CA-MD-16. Carta de Odette de Barros Mott a Maria Dinorah Luz do Prado, 13 dez. 1976.



Devo-lhe, também, um parecer sobre “8ª série C”.

O que será, para mim, difícil, em se tratando de você, minha amiga. Talvez a falha seja minha, meu modo de ser, bordando poesia em cada entrelinha da vida...

Talvez os adolescentes o estejam adorando...

Para mim, não sei, achei-o com excessiva gíria, o que o tornaria “circunstancial”, pois a gíria, como todos os “modismos”, é bastante passageira.

Por outro lado, não seriam certas situações negativas expostas com detalhes, uma maneira de “ensinar” os mais fracos, como o caso da falsificação do xequê [sic]? Foram perguntas que me fiz, enquanto lia, e para as quais não obtive resposta.

E é como digo, sou demasiadamente romântica...

Então, não teria condições de opinar sobre algo que talvez não esteja abrangendo bem. Poderá me entender? De qualquer maneira, felicito-a, por tudo o que vem fazendo por uma lit. infantil e juvenil que carece de tanto.<sup>25</sup>

Ganymédes José (1936-1990), no bate-papo a que se pretende em carta a Odette, pontua a trajetória difícil do escritor de literatura infanto-juvenil:

Sabe, dona Odette, há muitos anos, quando lia seus livros, tinha vontade de escrever-lhe e dar-lhe os parabéns. Todas as vezes que nos encontramos foi tão corrido, não foi? A gente mal tem tempo de se conversar... Mas agora, nesta gostosa tarde de domingo, quando o sol filtra através das folhas das jabuticabeiras, tenho a inspiração para bater um papo rápido, ao sabor-do-cafezinho-do-interior. Por sinal, minha mãe já o está coando...

Sei que sua carreira deve ter sido um espinheiro e tanto. Porque, estando eu na mesma dança, sinto que o escritor precisa ser tremendamente forte e corajoso para descer até ao coração do público dos pequeninos, enquanto, ao mesmo tempo, precisa dessa força e dessa coragem para não se deixar nem abater, nem levar, nem dobrar pelos mil-e-um-palpites que, em geral, os saberetíssimos adultos dão a respeito daquilo que escrevemos. Gozado, não

25 IEB-USP. Fundo OBM, OBM-CE-MD-054. Carta de Maria Dinorah Luz do Prado para Odette de Barros Mott, 2 ago. 1976.

acha? Eu, às vezes, me pergunto: que será de misterioso que acontece no interior da maioria dos adultos que, de repente, só porque se alongam as pernas, e os braços, eles perdem toda aquela simplicidade do pessoalzinho que corria aos braços de Cristo? Sei mais que, se não tivermos personalidade o bastante para darmos a nossa mensagem, às vezes chegaremos a vacilar porque a verdade tem muitas faces, e se às vezes somos líricos, muitos nos adjetivam de estúpidos; se somos idealistas, nos confundem com paternalistas; se acreditamos em valores maiores, dizem que somos moralistas. E assim, nessa deliciosa ventoinha de adjetivância pré-fabricada, o tempo vai passando, nossa pena vai escrevendo, nossa alma vai-se doando... E sabe de uma coisa? A única coisa realmente importante para o escritor é ser amado por aqueles que o leem. Enquanto ele for lido, ele viverá. E viverá dentro da alma-coração de cada um que, lendo-o, assimilou um pouco do que o escritor tinha a transmitir e, dessa forma, leva adiante a mensagem de nossos corações. Por isso, dona Odette, que segundo vejo, é mais importante que permaneçamos nós em nós como nós somos, apesar de. Veja, toda sua vida foi construída sobre amor e realizações. Isso é doação. E agora, merecidamente reconhecida por todo o Brasil, à Sra. nossos aplausos, nosso carinho e nossos agradecimentos.<sup>26</sup>

Entre a crítica e o público, o escritor sente-se acuado: difícil agradar a ambos. Uma das riquezas do arquivo pessoal de Odette de Barros Mott é justamente resguardar todos estes discursos – dos leitores, dos escritores, dos editores, dos críticos – permitindo à posteridade ponderar cada um deles.

Por meio de depoimentos, cartas, recortes de jornal, catálogos de editoras, declarações de direitos autorais, entre diversas outras espécies documentais, o arquivo pessoal da escritora permite reconstruir momentos da longa trajetória literária de Odette e resgatar a memória de toda uma geração de leitores – memória que se preserva do esquecimento no trabalho cuidadoso dos arquivistas. E o conhecimento desta documentação vai possibilitando o surgimento de novos discursos e narrativas, como a que se apresenta neste artigo, uma pequena mostra da trajetória da escritora reconstruída a partir de seu próprio fundo de documentação pessoal.

---

26 IEB-USP. Fundo OBM, OBM-CE-GJ-11, 2 ago. 1981.

